

PORTUGAL E A EUROPA NOS SÉCULOS XV E XVI. Olhares, relações, identidade(s)

Paulo Catarino Lopes, ed.



PORTUGAL E A EUROPA
NOS SÉCULOS XV E XVI.
OLHARES, RELAÇÕES, IDENTIDADE(S)

IEM – Instituto de Estudos Medievais

CHAM – Centro de Humanidades

Coleção ESTUDOS 21

PORTUGAL E A EUROPA
NOS SÉCULOS XV E XVI.
OLHARES, RELAÇÕES, IDENTIDADE(S)

PAULO CATARINO LOPES
Editor

O IEM – Instituto de Estudos Medievais e o CHAM – Centro de Humanidades, ambos Unidades de Investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), são financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., pelos projectos estratégicos UID/HIS/00749/2019 e UID/HIS/04666/2019, respectivamente.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0015.

Este livro teve arbitragem científica.

Título	Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI. Olhares, relações, identidade(s)
Editor	Paulo Catarino Lopes
Edição	IEM – Instituto de Estudos Medievais / CHAM – Centro de Humanidades
Referência da imagem da capa	Mestre de Soane Josefo, <i>A Embaixada Portuguesa</i> . Bruges, c. 1480-1483, Ms. Ludwig XIII 7, fol. 112. The J. Paul Getty Museum.
Colecção	Estudos 21
ISBN	978-989-99567-3-5 (IEM) 978-989-8492-42-5 (CHAM)
Paginação e execução	Ricardo Naito / IEM – Instituto de Estudos Medievais, com base no design de Ana Pacheco
Creative Commons	Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

Índice

- Introdução: Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI.
Duas centúrias de contactos, continuidades e também redefinição..... 9

Paulo Catarino Lopes

PARTE I

- Alteridades e Construções Identitárias***..... 15

- Imagens culturais do *Eu* e do *Outro*: Identidade e alteridade em relatos de viagens dos séculos XV e XVI, entre outros, do *Códice Valentim Fernandes* 17

Yvonne Hendrich

- Views of alterity: the construction of an idea of Europe by “non-Europeans” 39

Amélia Polónia

- Sangre y heráldica en el siglo XVI: las noblezas ibéricas y su identidad en una perspectiva europea. Unas notas 49

José Antonio Guillén Berrendero

- Modelações de escritas sobre um Portugal de partida para os espaços extra-europeus: Reflexões em torno de imagens do(s) europeu(s)..... 65

Ana Paula Menino Avelar

PARTE II

- Intercâmbios e Interculturalidade***..... 83

- Portugal and the Hanseatic League: ca. 1450-1550 85

Torsten dos Santos Arnold

- “Sem cobre e prata nada de especiarias”: notas sobre a importação de metais alemães em Portugal no início do século XVI..... 109

Jürgen Pohle

- Tópicos, histórias e vivências do Portugal mercantil e marítimo na Alemanha do século XVI..... 127

Marília dos Santos Lopes

PARTE III

- Olhares e Representações*** 151

- A imagem dos europeus nas crónicas portuguesas do século XV 153

Francisco José Díaz Marcilla

Os portugueses de Quinhentos vistos pelo flamengo Jan Taccoen de Zillebeke	175
<i>Jorge Fonseca</i>	
Olhares estrangeiros sobre Portugal (c. 1450-1571)	193
<i>Ana Isabel Buescu</i>	
“Fomos muito bem tratados.” Portugal e os portugueses nos escritos alemães dos séculos XV e XVI	211
<i>Marília dos Santos Lopes</i>	
Animais extra-europeus nas descrições de Lisboa e Portugal por estrangeiros	229
<i>Catarina Simões</i>	
Portugal e os portugueses no olhar de viajantes e mercadores alemães no alvorecer da Modernidade	243
<i>Jürgen Pohle</i>	
PARTE IV	
<i>Fronteiras e Europeização</i>	263
Amigos para a vida? Solidariedades dos estudantes portugueses na Península Itálica (finais do séc. XIV – inícios do séc. XV)	265
<i>Mário Farelo</i>	
Os inícios da política internacional de Portugal: a entrada no contexto européu e o surgimento de tendências geoestratégicas	301
<i>Néstor Vigil Montes</i>	
Retórica e política na europeização de Portugal, nos séculos XV e XVI	313
<i>Nair de Nazaré Castro Soares</i>	
Portugal e a fronteira mediterrânica nos séculos XV e XVI: políticas reais e mapeamento do mundo insular levantino	339
<i>Dejanirah Couto</i>	
Peregrinar em Roma na transição do mundo medieval para a primeira modernidade. O caso do Fidalgo de Chaves	377
<i>Paulo Catarino Lopes</i>	

Tópicos, histórias e vivências do Portugal mercantil e marítimo na Alemanha do século XVI

Marília dos Santos Lopes¹

Resumo

As viagens e as experiências dos portugueses não passaram despercebidas na Europa dos séculos XV e XVI, nomeadamente no Sacro Império Romano-Germânico. As novas narradas sobre as empresas e as iniciativas da Coroa portuguesa em novos mundos suscitaram curiosidade e interesse, dando origem a outras narrativas ficcionais e *possivelmente verdadeiras*. Na esteira do nauta e emissário, Rafael Hitlodaeus da *Utopia* de Thomas Morus, os letrados alemães vão forjar histórias e personagens a partir dos factos e informes vivenciados pelos homens das *sete partidas*. Tendo em particular atenção uma novela de Jörg Wickram, o presente artigo visa aflorar a emergência de mercadores na arte e na literatura modernas e no modo como Portugal era visto e representado em terras além-Pireneus.

Palavras-chave

Viagens portuguesas, Literatura do século XVI, Jörg Wickram, Relações luso-alemãs.

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) – Universidade Católica Portuguesa.

Abstract

The Portuguese voyages and experiences did not go unnoticed in 15th and 16th century Europe, namely in the Holy Roman-Germanic Empire. The narratives about the initiatives and endeavours of the Portuguese Crown in new worlds aroused curiosity and interest, giving rise to new fictional and ‘possibly true’ narratives. In the wake of the fictitious traveller and emissary Rafael Hitlodæus in Thomas Morus’ *Utopia*, also German scholars will forge new stories and characters. With particular attention to a novel by Jörg Wickram, the article discusses the early modern appearance of merchants in art and literature in the context of how Portugal was seen and represented in lands beyond the Pyrenees.

Keywords

Portuguese voyages, Early Modern literature, Jörg Wickram, German-Portuguese relationship.

Do Portugal mercantil e marítimo

O retrato delineado de Portugal no Império Sacro Romano-Germânico está maioritariamente associado ao Portugal das viagens, ao Portugal comercial e marítimo, como tivemos a oportunidade de demonstrar em outras ocasiões². Já nos inícios do século XVI, em diversas publicações do Império, se relata sobre as expedições de embarcações lusitanas ao longo da costa ocidental africana, salientando a importância de novas rotas, como o evidencia o mapa que se pode encontrar na edição da *Cartha Marina*, uma reedição da *Carta* de Martin Waldseemüller, da autoria de Lorenz Fries³. Editado em 1527, este mapa procura

² Marília dos Santos LOPES, “Os Descobrimientos Portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, ICALP, 1987, 7/8, pp. 28-40; *Idem*, “Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Mare Liberum*, 1, 1990, pp. 205-308; *Idem*, “Os Descobrimientos Portugueses e a Alemanha”, in *Portugal-Alemanha, Memórias e Imaginários*, Maria Manuela G. Delille (ed.), Coimbra, Minerva Coimbra, 2007, pp. 267-273; *Idem*, “Fomos muito bem tratados’. Portugal e os Portugueses nos Escritos Alemães dos séculos XV e XVI”, ed. no presente volume, pp. 211-227.

³ Lorenz FRIES, *Aslegung der Mercarthen oder Cartha Marina: darin man sehen mag, wo einer in der Welt sey ... das alles in dem Büchlin zu finden*, Straßburg, Johannes Grienninger, 1527.

assim instituir e definir um novo mapeamento e, ao mesmo tempo, esboçar uma nova tabula geográfica a partir das primeiras viagens em nome da coroa portuguesa, mormente das efectuadas e, posteriormente, relatadas pelo mareante italiano ao serviço do Infante D. Henrique, Alvise de Ca' da Mosto, decifrando-as como o limite de uma nova cosmovisão e concepção do mundo.

Assim, desde cedo que em diferentes tipografias e oficinas alemãs se imprimiram e deram a conhecer publicações sobre Portugal e as viagens além do termo do mundo conhecido, as *Colunas de Hercules*. Em muitas das obras, folhetos, ou gravuras alusivas a este assunto, como é o caso da edição alemã da carta de Américo Vespúcio⁴, a da Carta de D. Manuel I ao Cardeal Jorge Alpedrinha⁵, ou ainda da Epístola do Rei D. Manuel I ao Papa Júlio II⁶, poder-se-á comprovar um visível destaque à coroa portuguesa, idealizando a figura do rei cristão empreendedor e anunciador da empresa marítima.

Tal como no resto da cristandade, também no Império Romano-Germânico se fazia sentir um visível interesse pelo Oriente, de que lhe chegavam notícias e mercadorias através do sul da Europa, mormente de Itália, região sempre presente nos caminhos dos prominentes mercadores do sul da Alemanha. Portugal não estava igualmente fora do interesse europeu pelo Oriente. Pelo contrário, pela sua situação geográfica, comercial e de intermediário entre Mediterrâneo e o Atlântico, o reino português partiria em busca das terras originárias dos reconhecidos produtos orientais, mapeando caminhos e mercadorias desconhecidos, dando conta de inúmeras e surpreendentes novidades⁷. Logo após a viagem inaugural de Vasco da Gama, muitas são as referências às mercadorias vindas das longínquas e ricas paragens do Oriente⁸. Do Malabar e, concretamente de

⁴ Amerigo VESPUCCI, *Von der neu gefunden Region, so wol ein welt genempt mag werden durch den Christenlichen König, von Portigal, wunderbarlich erfunden*. Basel, Michale Furter, 1505.

⁵ *Geschichte kurtzlich durch die von Portugalien jn Jndia Morenland vnd andern erdrich...*, Nürnberg 1507.

⁶ D. Manuel I, *Ein abschrift eines sandtbriefes so vnserm allerheyligisten vater dem Bapst Julio dem andern gestant ist von dem alldurchleuchtigsten Fursten vnd herren, herren Emanuel Kunig zu Porthogal &c. an dem zwelffen tag des Brachmonds, jm .M.ccccc.vijj. jare, von wunderbarlichen rayen vnd schieffarten, vnd eroberung landt, stet, vnd merckt, auch grosser manschlachtung der hayden*. Nürnberg, Georg Stucs, 1508.

⁷ Já, em 1493, na famosa e célebre crónica-mundo de Hartman Schedel, se mencionam as viagens dos portugueses, bem como a produção de açúcar na Madeira, produto tão apreciado nas grandes capitais europeias, como o podemos constatar no diário do pintor alemão Albrecht Dürer quando menciona a sua visita aos feitos portugueses em Antuérpia. Veja-se Hartmann SCHEDEL, *Liber Chronicarum*, Nürnberg, Koberger, 1493 e Albrecht DÜRER, "Tagebuch der Reise in die Niederlande", in *Schriften und Briefe*, Leipzig, Philipp Reclam, 1982, pp. 55-99.

⁸ Sobre a recepção das novidades no Império, veja-se António Alberto Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972; Dieter WUTTKE, *German humanist perspectives on the history of discovery, 1493-1534*, Marília dos Santos Lopes (Foreword), Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007; Jürgen POHLE, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. Und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000; K. S MATHEW, *Indo-Portuguese Trade and the Fuggers*

Calecute, esse incontornável símbolo do mundo oriental,⁹ vão chegar à Europa maravilhosas e ricas mercadorias, mormente as tão procuradas especiarias, como a canela, que completamente desconhecida na sua afiguração, era bem conhecida e apreciada nas suas qualidades terapêuticas e medicinais¹⁰.

Numa das crónicas da cidade imperial de Ausburgo escreve-se sobre novos contactos comerciais e que os italianos, concretamente os venezianos, estariam muito tristes, senão zangados, com a nova concorrência dos portugueses na compra e venda de mercadorias orientais¹¹. Este um prenúncio das mudanças e alterações económico-culturais que estas relações comerciais irão significar, como bem representa o mapa de Simon Grynaeus e Sebastian Münster, datado de 1532, e cuja decoração efectuada por diferentes motivos, destaca, notoriamente, as diferentes especiarias orientais. Trata-se de uma ocasião singular em que o mundo se define de uma outra forma, com uma outra imagem, em que as procuradas e requisitas mercadorias são agora característica não só definidora, mas também familiar e própria¹². Inserido na obra *Novus Orbis Regionum*, as suas margens decorativas da autoria de Hans Holbein são um revelador exemplo, em como os mapas desenhados neste período se tornaram uma decisiva e incontornável fonte de divulgação das informações recolhidas pelo mundo¹³.

Associado a este labor cartográfico que tanta projecção teve no conhecimento dos seus coevos, também se pode notar o júbilo e a admiração que a arte de navegar imprime nos escritos alusivos às viagens marítimas, nomeadamente nos prefácios e introduções às publicações em língua alemã dos relatos de viagens ou expressos ainda na feitura dos mapas coetâneos, verdadeiros hinos à navegação, pois, como se refere e circunscreve, só ela permitiu o acesso a tão insólitas mercadorias. Assim

of Germany (Sixteenth Century), New Delhi, Manohar, 1999; Marília dos Santos LOPES, *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002; *Idem*, “From Discovery to Knowledge, Portuguese Maritime Navigation and German Humanism”, in *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*, Maria Berbara and Karl A.E. Enekel (ed.), Leiden, Brill, 2012, pp. 425-446.

⁹ Sobre o significado simbólico de Calecute, veja-se Marília dos Santos LOPES, “Translation and Imagination, “The Calicut People” within the Context of 16th century cosmographies”, in *Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*, Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 166-177.

¹⁰ Marília dos Santos LOPES, *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara*, Lisboa, Público, 2002.

¹¹ Marília dos Santos LOPES, “O impacto da viagem de Vasco da Gama na Alemanha”, in *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, José Manuel Garcia (coord.), Lisboa, Academia da Marinha, 1999, pp. 604-608.

¹² Simon GRYNAEUS e Sebastian MUNSTER, *Novvs Orbis Regionvm Ac Insularvm Veteribvs Incognitarvm, unà cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti patebit pagina*, Basileae, Hervagius. Typus Cosmographicus Universalis, 1532.

¹³ Como salienta, entre outros, Sureka DAVIES, *Renaissance Ethnography and the Invention of the Human: New Worlds, Maps and Monsters*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016.

se pode ler no prólogo da edição em língua alemã de *Verdadeira Informação sobre a Terra do Preste João* da autoria do franciscano Francisco Álvares:

“Assim, não há nada maior e mais agradável, e também mais não pode haver, do que quando o homem tem a sabedoria e a razão, que aumenta e melhora particularmente através de longa experiência e conhecimento dos usos e costumes de muita gente. E, por isso, não há dúvida de que as navegações são para tal muito práticas e proveitosas.”¹⁴

Nas palavras do editor é na longa experiência e no conhecimento regular e frequente que se podem estabelecer contactos com outras regiões e seus usos e costumes, capazes de poder entabular novos empreendimentos e negócios. Muitos são, pois, os autores que destacam o decisivo e específico contributo das viagens, e respectivas relações, para o traçar de rotas e redes praticadas à escala global. Neste sentido, reavivam como as trocas comerciais se irão tornar a base motora de todas as actividades, como afirma o boticário de D. João II, enviado para a Índia, em 1511, como feitor das drogas da feitoria de Cananor e que, em 1516 partiria como primeiro embaixador português enviado à China na frota de Fernão Pires de Andrade. Nas palavras de Tomé Pires escritas na *Suma Oriental*, a mais antiga e extensa descrição portuguesa do Oriente: “(...) o qual trato de mercadoria hé tam necessario que sem elle nom se sosteria o mundo. Este hé o *que* nobrece os regnos, que faz gramdes as jemtés, *que* nobelita as cidades e o *que* faz guerra e a paaz.”¹⁵

O comércio com o Oriente, em que a China irá ter um papel de grande relevo neste dinâmico mundo comercial, visto que irá dar a conhecer mercadorias e artefactos de grande riqueza e valor, elaborados com grande engenho e arte, mercadorias e artefactos que rapidamente se tornariam alvo de procura e interesse na Europa, fomenta um activo e auspicioso circuito comercial com a Europa. E neste contexto, e como já foi evidenciado,¹⁶ Lisboa adquire um destaque entre as cidades europeias, podendo ser reconhecida como uma cidade global¹⁷.

¹⁴ Sigmund FEYERABEND, *General Chronicon, das ist: Warhafftige eigentliche und kurtze Beschreibung, vieler namhaffter, und zum Theil biss daher unbekannter Landschafften ... Darinnen alle Völker und Nationen, die in der gantzen Welt ... wohnen, sampt ihrer Ankunfft und Herkommen, auch Art und Natur, item Ceremonien und Gebräuchen in geistlichen und weltlichen Sachen, treuwlich beschrieben ... Letzt auff's neuw mit sonderm grossen Fleiss, besser als zuvor, beschrieben und verteutschet*, Getruckt zu Franckfurt am Mayn, Durch Iohannem Schmidt, in verlegung Sigmund Feyerabends, durch Paulum Reffelern, 1576.

¹⁵ Tomé PIRES, *Suma Oriental*, Rui Loureiro (ed.), Lisboa, CCCM, 2017, p. 52.

¹⁶ Paulo PEREIRA, “Lissabon im 16. und 17. Jahrhundert”, in Michael Kraus e Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos = Neue Welten: Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, Dresden, Sandstein, 2008, pp. 221-239.

¹⁷ Annemarie JORDAN-GSCHWEND e K. J. P. LOWE, *A cidade global: Lisboa no Renascimento. The global city: Lisbon in the Renaissance*, Lisboa, MNAA/ INCM, 2017.

Neste panorama, a capital portuguesa é considerada não apenas pelos seus habitantes como uma cidade cheia de novidades e mercadorias de todo o mundo, como o expressam os cronistas Garcia de Resende¹⁸, Damião de Góis¹⁹, ou o impressor da Morávia, residente em Portugal, Valentim Fernandes²⁰, mas também na Europa, e concretamente no Império, a capital portuguesa era confirmada como um importante entreposto comercial e marítimo²¹, como a descreveu Hieronymus Münzer ou a desenhou Georg Braun na *Civitates Orbis Terrarum*²².

Dos negócios globais à mercantilização da sociedade europeia

Se, por um lado, a aventura do açúcar e as receitas africanas e orientais atraíam a Lisboa agentes comerciais de toda a Europa, por outro, na Europa, surgem centros de negócio e comércio como a cidade de Antuérpia, um importante entreposto em estreita relação com a empresa portuguesa. Esta cidade surge, pois, como um ponto estratégico de encontro no Norte: a Inglaterra, a Alemanha, as comunidades escandinavas a França e a Europa central, o mundo mediterrâneo, a África e o Novo mundo mandavam mercadores a Antuérpia para se abastecerem de tecidos e cereais, de objectos decorativos e obras de arte, de armas e livros. Mas também a cana da madeira, do Brasil, e as especiarias da Ásia acresciam aos prazeres da mesa. Quando se falava de luxo, pretendia-se obviamente evocar mercadorias como as sedas e as pedras preciosas, e estas eram a glória do eixo económico Lisboa-Antuérpia²³.

Placa giratória do comércio, o porto financeiro e cultural de Antuérpia iria abrir-se para o mundo, tanto pelas actividades económicas como pelas intelectuais²⁴. Antuérpia via-se e dava-se a conhecer à distância. Para norte, do

¹⁸ Garcia de RESENDE, *Crónica de Dom João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973.

¹⁹ Damião de GÓIS, *Descrição da cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

²⁰ Marco PAULO, *O Livro de Marco Paulo, O Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam, conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922. Veja-se Marília dos Santos LOPES, “‘Vimos oje cousas maravilhosas.’ Valentim Fernandes e os Descobrimientos Portugueses”, in *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*, Actas do IV Encontro Luso-Alemão, A. H. de Oliveira Marques (coord.), Alfred Opitz e Fernando Clara, Lisboa, Colibri, 1996, pp. 13-23.

²¹ Já, em 1494, o médico e viajante alemão Hieronymus Münzer escreveria no seu relato sobre o reino de Portugal que o rei português retiraria do comércio marítimo “anualmente um lucro incrível”. Jerónimo MÜNZER, *Itinerário*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 28.

²² Georg BRAUN e Franz HOGENBERG, *Civitates Orbis Terrarum*, Agrippinae/Köln, 1616.

²³ José Gentil da SILVA, “O eixo económico Lisboa-Antuérpia, in Portugal e Flandres”, in *Visões da Europa (1550-1680)*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1992, pp. 31-36.

²⁴ No que respeita ao seu papel cultural, saliente-se o enorme contributo da família Plantin para a história da imprensa europeia. Sobre as edições Plantin, veja-se *Museum Plantin Moretus*, Antwerpen, Snoeck Publishers, 2016.

Báltico à Inglaterra, para sul nos países do Mediterrâneo e de além-mar, Antuérpia comerciava e investia.

Considerado como a verdadeira capital do Atlântico, este grande centro portuário, mercantil e financeiro tornou-se um pólo central da economia europeia. Antuérpia era, para os portugueses, o entreposto de onde se transferiam mercadorias para Hamburgo ou Colónia e para o resto da Alemanha. Aqui se faziam os tráficos do comércio do Extremo Oriente, de S. Tomé ou do Brasil, e o grande negócio da pimenta e das pedras preciosas provocava um fluxo constante de câmbios. Entre os entrepostos portugueses, a feitoria da Flandres era, certamente, o mais importante e de maior dinamismo.

A estreita ligação entre as empresas de Antuérpia e os homens de negócios de Lisboa estão reflectidos no número anual de navios que interligavam Lisboa a Antuérpia, pelo que, por exemplo, entre 1536 e 1550 – anos que nos interessam particularmente como iremos ver mais adiante –, serão, no mínimo dez navios, mas em alguns anos chega-se a alcançar a quantia de trinta e dois navios, como no ano de 1537. Poder-se-á, por isso, falar de uma média de quinze a vinte navios por ano que faziam o trajecto entre a capital portuguesa e o entreposto de Antuérpia²⁵.

Símbolo de um mundo comercial, cuja fama e esplendor irá além da existência e vivência económica, não é certamente, por acaso, que o humanista inglês, Thomas Morus encontra, precisamente em Antuérpia, o afamado Rafael Hitlodaeus, navegador português que imortaliza na sua inaudita obra, a *Utopia*. Será nesta cidade e centro de negócios que Rafael lhe narra sobre extraordinárias e inéditas navegações em que viu maravilhosas gentes a viver em mundos até então desconhecidos²⁶.

É também, em Antuérpia, que começa a história de um romance em torno de três gerações de mercadores intitulado *Von guten und bösen Nachbarn*. Da autoria de Jörg Wickram, esta obra editada em Estrasburgo, no ano de 1556 (**fig. 1**)²⁷, traça, já à partida, um elucidativo argumento sobre contactos, trocas e entendimentos, características relacionadas com o mundo comercial e mercantil em perfeito vigor e apogeu, como revela o seu título: *Da boa e má vizinhança*. Na concepção de Jörg Wickram importa cultivar seriamente uma boa vizinhança, que só se adquire com valores como amizade, família, trabalho e empenho capazes de, em unísono, poder construir uma comunidade perfeita.

²⁵ A. A. Marques de ALMEIDA, *Capitais e capitalistas no comércio da especiaria. O eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549), Aproximação a um estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, p. 39.

²⁶ Veja-se Thomas MORUS, *Utopia*. José V. de Pina Martins (Estudo introdutório), Lisboa, FCG, 2006.

²⁷ Jörg WICKRAM, *Von Guten vnd Bösen Nachbarn ... Newlig an tag geben*, Strassburg, Knoblauchs Druckerey, 1556.

Filho de uma família da alta burguesia, Jörg Wickram teria começado como ourives²⁸ e pintor, tornando-se depois Stadtschreiber, o mais alto funcionário administrativo da cidade, responsável por toda a documentação da cidade, e ainda autor de romances ou breves histórias. A sua primeira obra literária data de 1530 e, curiosamente, em três das suas obras, faz-se referência a Portugal. É, contudo, neste romance *Da boa e má vizinhança* que grande parte do enredo principal ocorre em Lisboa.

O romance narra a história de um rico mercador de Antuérpia, um mercador de grande comércio, mormente de ouro e pedras preciosas, que teria maus vizinhos nesta cidade do centro da Europa. A sua vida profissional, e a da sua família, não estava a correr satisfatoriamente até que chega uma missiva da capital portuguesa que o informa de que um tio seu, residente em Lisboa e sem descendentes, lhe propunha deixar a herança, tornando-o inesperadamente seu herdeiro. O rico mercador, de nome Robert, não hesita desprender-se da sua firma nesta cidade do centro da Europa e parte para Lisboa.

Tal como Thomas Morus, também Jörg Wickram escolheu iniciar o enredo da sua história em Antuérpia, centro comercial de relevância, para seguidamente se deslocar para Lisboa, dando assim visibilidade física e literária ao eixo económico Antuérpia-Lisboa. O leitor deste romance irá assim, lidas as primeiras páginas do romance, acompanhar o seu protagonista, Robert, o rico mercador, na sua viagem até Lisboa que aparece decididamente como um equiparável e relevante entreposto comercial. O facto de os protagonistas serem indivíduos de um grupo social em ascensão, a burguesia, e dentro deste, mercadores, é, sem dúvida, um atributo raro e particular em obras de teor literário, evidenciando, desde já, a originalidade da eleição do autor.

Fugindo cientemente a um, mais usual, romance de cavalaria, Jörg Wickram procura abordar temáticas de atualidade, nomeadamente, as profundas e determinantes transformações económicas, mas também manifestamente transformações culturais e mentais, que se operam no mundo coevo, partindo da própria experiência de como lidar com os Outros, como se anota na dedicatória impressa no início do livro.

É este olhar para a figura do mercador que se revela extremamente inovador e de grande modernidade num mundo de profundas transformações e de mudança, como também o irá formular o poeta do novo, Luís de Camões. Neste mundo “composto de mudanças” escreve o autor de *Os Lusíadas* no seu tão conhecido

²⁸ Interessante o facto de ter iniciado a sua carreira como ourives e depois se ter vindo a dedicar à escrita. Não podemos deixar de pensar, de imediato, em Gil Vicente que, como se pensa, terá tido semelhante percurso.

soneto “Mudam-se os tempos, mudão-se as vontades / Muda-se o ser, mudão-se as confianças”. E como adianta o poeta: “Todo o mundo he composto de mudanças / Tomando sempre novas qualidades / Continuamente vemos novidades”²⁹. Esta a razão para a mudança. E o que causam as novidades na vida humana em geral, e no ser humano em particular é o que importa aqui reflectir. É, pois, igualmente sobre as novidades do seu tempo, que Jörg Wickram irá tracejar e confinar o seu romance. E uma das mudanças em transição é a evidente e manifesta presença e peso de um tipo social em persistente emergência: o mercador.

Consciente das críticas e oposições face à expansão do comércio de longo curso e do crescente aumento de capital, Wickram irá traçar uma imagem positiva do mercador, procurando redefinir um novo perfil destes homens de negócio.

A representação deste novo grupo social será delineada através da narrativa de três gerações em que podemos acompanhar o evoluir e modificar das respectivas mudanças de atitude e de postura, também através de gravuras, dado que a obra será igualmente ilustrada³⁰.



Fig. 1 – Jörg Wickram, *Von Guten und Bösen Nachbarn*...

²⁹ Luís de CAMOES, *Obras de Luiz de Camoes*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864, p. 401.

³⁰ Veja-se Jörg WICKRAM, *Von Guten und Bösen Nachbarn, Wie ein reicher Kauffmann aus Probant in das Königreich Portugal zohe, wie es ihm nachmals auff dem Mer mit einem Hispanischen krancken Kauffmann ergangen ist*, Straßburg, 1556 [VD16 W 2424]. <http://daten.digital-sammlungen.de/~db/0002/bsb00025440/images/index.html?seite=00001&l=de>

Neste sentido, e já nos primeiros capítulos, apresenta-se a reconhecida imagem iconográfica de um mercador com um longo casaco com uma gola debruada em pele, sinal de abundância e valor, como as que também se podem observar no famoso livro de Matthäus Schwarz, o mercador e contabilista da família Fugger³¹.

Uma das gravuras mais conhecidas deste seu *Trachtenbuch* é a aquela em que se vê a trabalhar com um dos fundadores da casa comercial, Jacob Fugger. Entre as gavetas do armário desta célebre firma comercial alemã, e correspondentes às cidades envolvidas no circuito comercial desta empresa, encontra-se, entre conceituadas cidades mercantis, o nome da cidade de Lisboa.

Matthäus Schwarz encena neste *Trachtenbuch* a sua biografia, destacando através das diferentes gravuras o seu percurso de formação, e profissional, como se pode testar pelas ricas e ilustrativas imagens, dando corpo e forma à auto-consciencialização do grupo social em firme ascensão. Desenvolvendo novos métodos e pondo em prática novas formas de comerciar, estes homens de negócios procuram encontrar meios mais eficazes para adquirirem riquezas e de as utilizarem também, como podemos ver, num princípio de fruição individualista. Este fruir não iria, contudo, e como iremos verificar, deixar de ser vivido e sentido no seio de um mundo cristão, cujos princípios são outros; este é, indubitavelmente, o dilema de que trata o romance: o de conciliar o negócio, o ganho e proveito com a mundividência cristã de que trata o romance.

Na esteira de homens como Niccolò Niccoli que, como filho de um comerciante de lãs, se tornou um dos maiores humanistas, exímio colecionador de raridade e letras, ou de Lourenço Médicis, um dos novos *inquilinos do poder*, como o retratou no fresco *Três Reis Magos* Benozzo Gozzoli, também estas gerações anseiam construir uma nova era³².

Os homens de negócio são indivíduos que viajam, que se deslocam com frequência, como seja, aos locais onde possuem sucursais ou entrepostos e onde estabelecem residência mais ou menos demorada, dirigindo os seus impérios, adquirindo, por isso, outros contactos, outros horizontes. Homens inseridos em redes nacionais e internacionais, com uma vasta e alargada correspondência, onde

³¹ Sobre o álbum de Matthäus Schwarz, veja-se August FINK, *Die Schwarzschen Trachtenbücher*, Berlin, Deutscher Verein für Kunstwissenschaft, 1963; Matthäus SCHWARZ, *The first book of fashion, The book of clothes of Matthäus and Veit Konrad Schwarz of Augsburg*, Ulinka Rublack (ed.), Maria Hayward e Jenny Tiramani, London, New York, Bloomsbury Academic, 2015; e ainda Ulinka RUBBLACK, *Dressing up: cultural identity in Renaissance Europe*, Oxford, Oxford Univ. Press, 2010.

³² Sobre *inquilinos do poder*, também em Portugal, veja-se João Gouveia MONTEIRO, “Orientações da Cultura da Corte na 1ª metade do século XV – a Literatura dos Príncipes de Avis”, *Vértice*, Nova Série, n.º 5 (Agosto de 1989), pp. 89-103.

narram os acontecimentos julgados de maior importância, são universais e, ao mesmo tempo, fortemente enraizados nas suas comunidades³³.

O seu modo de vida, a sua actividade económico-financeira supõe uma instrução não só adquirida nas escolas, mas igualmente na prática do dia-a-dia. Consciente do valor da educação, estimulam o prazer pelo estudo, mas prezam o cosmopolitismo, revelando-se homens de uma *cultura-mundo*, como se reconhece nos *Embaixadores* de Hans Holbein (1533), ou como os deslumbramos nas páginas de *Von guten und bösen Nachbarn*.

Importa, contudo, perguntar qual a razão por que o autor optou por Lisboa para o cenário da sua história? Se procuramos referências concretas à cidade, à sua população, à sua vida quotidiana, a busca revelar-se á em vão. Não há um único dado concreto sobre a cidade portuguesa.

Aliás, como as próprias imagens que acompanham a obra o revelam. Não há uma única imagem que se refira em particular à capital portuguesa. Na verdade, e confrontando as ilustrações, verifica-se que as imagens são, na sua grande maioria, as chamadas imagens-tipo³⁴, em que se vêem portos, embarcações, como as que se poderão encontrar em qualquer outro lugar, como a que ilustra a viagem de Robert até Lisboa.

Aliás, esta mesma imagem já tinha sido utilizada na edição alemã do itinerário do italiano Ludovico de Vartema que, tendo andado entre 1501 e 1507 no Oriente, ajudou D. Francisco de Almeida na batalha de Cananor e com ele regressaria a Lisboa, onde viria a ser armado cavaleiro pelo próprio vice-rei. O relato de Ludovico de Varthema, cuja primeira edição veio a lume, em 1510, na Itália, tornar-se-ia um texto muito conhecido, com várias edições em língua alemã, principalmente as do ano de 1511 e de 1548, das quais se reutilizaram as imagens editadas na obra de Jörg Wickram³⁵.

³³ Mark HÄBERLEIN e Christof JEGGLE, *Praktiken des Handels Geschäfte und soziale Beziehungen europäischer Kaufleute in Mittelalter und früher Neuzeit*, Konstanz, UVK Verlagsgesellschaft, 2010. Sobre os mercadores alemães, veja-se Mark HÄBERLEIN, “Asiatische Gewürze auf europäischen Märkten: Das Beispiel der Augsburger Welser-Gesellschaft von 1498 bis 1580”, *Jahrbuch für Europäische Überseegeschichte*, 14 (2014), pp. 41-62; Mark HÄBERLEIN, *Die Fugger. Geschichte einer Augsburger Familie (1367-1650)*, Stuttgart, Kohlhammer, 2006; Mark HÄBERLEIN, *Aufbruch ins globale Zeitalter. Die Handelswelt der Fugger und Welser*, Darmstadt, Konrad Theiss Verlag, 2016.

³⁴ Sobre as imagens na época moderna, veja-se Carsten-Peter WARNCKE, *Sprechende Bilder, sichtbare Worte: das Bildverständnis in der frühen Neuzeit*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1987; e Marília dos Santos LOPES, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, Para uma Iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.

³⁵ Lodovico de VARTHEMA, *Die ritterliche vnnnd lobwürdige Reyss, des ... Ritter, vnnnd Landtfahrer, Herrn Ludovico Vartomans von Bolonia, sagend von den Landen Egypto, Syria, von beiden Arabia, Persia, India, vnd Ethiopia*, Franckfurt am Mayn], Michael Herr und Jörg Breu (ed.), 1548. Sobre este relato, veja-se Folker REICHERT, *Reisen im Orient*, Sigmaringen, Thorbecke, 2002.

Não será de descuidar o facto de a obra do viajante e soldado italiano também se relacionar com Portugal, e ainda com o Oriente, o que possivelmente terá conduzido a que se recorresse a esta obra, dado que relatava sobre a presença portuguesa no mundo oriental. A repetição das ilustrações de Ludovico de Varthema tem assim a ver com a associação ao binómio Portugal/Oriente, mas, como se pode concluir, estas não permitem traçar um retrato de Portugal, e de Lisboa, em particular, como o texto também não. Poder-se-á assim concluir que não há um intento em traçar um retrato, mais ou menos fidedigno, da cidade de Lisboa ou dos seus ambientes, pelo que, e isso sim, é que Lisboa surge, desde já, como um lugar simbólico, mais um padrão-tipo, dado que é o facto de Lisboa ser considerada como um dos mais importantes entrepostos comerciais que leva o autor a transferir o seu romance para a capital portuguesa.

Paralelamente ao cuidar ética e moralmente das actividades profissionais, são os preceitos de boa conduta que importa ao autor delinear. Ao pretender tematizar de que modo o emergir de *homo economicus* e a sua mundividência se vai construindo e afirmando nos novos tempos, Jörg Wickram escolhe Lisboa como um dos entrepostos de comércio internacional³⁶, de comércio de mercadorias de luxo, como o de pedras preciosas, evidenciando o seu lugar como um centro de referência nos circuitos e redes comerciais a nível global. Os novos tempos traziam consigo preocupações e ansiedades que pareciam adversas, se não contrárias, à moral experienciada. A usura e o crescente capitalismo declaravam-se como um dos graves problemas éticos coetâneos, tema que, mais tarde, o sociólogo Max Weber irá abordar no seu magistral estudo sobre *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Von Guten und bosen Nachbarn: um manual burguês?

Um dos primeiros objectivos deste romance é o aperfeiçoamento da vida social que, segundo o autor, está intimamente relacionado com o desenvolvimento cultural e civilizacional da pessoa humana. Assim, e como também o título o anuncia, importa reflectir sobre a relação criativa e construtiva entre os indivíduos. Neste sentido, e na esteira de autores humanistas, o seu romance faz lembrar um manual de civildade, fornecendo conselhos, reflexões e preceitos de comportamento capazes de promover as capacidades do ser humano. Depositando grande confiança nas faculdades humanas, Jörg Wickram afiança que o ser humano irá,

³⁶ Jorge PEDREIRA, "Mercadores e formas de mercantilização", in Diogo Ramada Curto (org.), *O tempo de Vasco da Gama*. Lisboa, Difel, 1998, pp. 157-177.

sempre, encontrar saídas e novas interpretações para poder responder aos desafios desencadeados pelas novas acções e empresas, revelando-se um defensor da pessoa humana, em quem confia e acredita. Não será de surpreender que valores como a amizade, a lealdade, ou a virtude se imponham contra a malvadez, a desonestidade e os vícios, e a sabedoria, essa vencerá à estupidez. A aposta nestes valores são a divisa do romance e constituem o programa pedagógico e educativo desenvolvido e traçado pelo autor ao pensar sobre este momento e esta circunstância da vida burguesa. Jörg Wickram mostra-se modelarmente próximo dos ideais humanistas, tendo seguramente o erasmiano manual de civilidade como guião do seu pensamento pelo que não será por acaso que menciona como um dos poucos autores referenciados na obra, Erasmus de Roterdão³⁷.

O patriarca da família, Robert, e o seu genro, Reichardt, um espanhol que se uniu à família dada a proximidade profissional com o sogro, mas também por um sentimento de amizade que estreitou os dois indivíduos, são homens de negócio, mas com a noção do seu dever de cristão e de redistribuir por outra parte do seu ganho e proveito. Assim, quando festejam o casamento dos seus familiares³⁸, eles irão convidar os mais necessitados e pobres e servir-lhes igualmente alimento, a fim de partilharem a festa. Os protagonistas estão conscientes dos seus deveres de humildes servidores, pelo que, muitas vezes, agradecem a Deus o seu sucesso, deferindo reconhecimento e gratidão pela recompensa da proteção divina. Como cristãos pertencem à igreja e sabem que fora dela não terão salvação. Há, que, por isso, executar obras de beneficência, facto que pode também indiciar a influência do movimento de reforma em apogeu no Império.

Como o exprimem várias vezes, a aquisição de bens responsabiliza um indivíduo perante os seus *vizinhos* e também perante as gerações futuras. Este é um padrão do seu modo de estar, pelo que o seu dever social os afasta do modo de vida da nobreza. Na sua opinião, o dinheiro não é um valor em si, mas antes um meio para assegurar a vida e incentivar a cultura. Os mais importantes valores da existência humana, como amor e amizade, não se podem comprar, logo não é através do dinheiro que se pode gerar uma identidade própria. O ter dinheiro e bens pode, sim, como se refere, dar a liberdade para a poder procurar e animar³⁹.

Um outro valor a que se dá igualmente grande relevo é o do trabalho, como se pode testemunhar num dos episódios do romance de traços utópicos. Numa

³⁷ WICKRAM (1556), 85.

³⁸ É interessante verificar que o terceiro casamento será um casamento, efectivamente, por amor, visto que são os jovens que, embora se tenham conhecido através dos pais, tomem em suas mãos a decisão de verbalizar a sua paixão.

³⁹ Veja-se, Marianne SCHULTZ, *Ökonomie, Geld und Besitz in den Werken Wickrams*, Diss. Univ. Saarland, 2008.

das suas viagens de negócios, Robert e Reichardt, irão, devido a vários problemas, dar a uma ilha selvagem que, na aflição, lhe oferece guarida e alimento. Tendo como cenário um lugar idílico, a exposição apresenta semelhanças a um discurso utópico, em que o autor reflecte sobre o modo como alcançar uma sociedade mais perfeita. Tece um verdadeiro louvor ao valor do trabalho que, na sua opinião, reduziria vidas viciosas, daria sustento e ofereceria ascensão social e cultural. Na sua opinião, o trabalho é o elemento dinâmico que pode transformar positiva e culturalmente o mundo pois assinala maior qualidade de vida, não só material como socialmente, dado que confere um comportamento de cultura. Ultrapassando as fronteiras sociais, cada um poderá alcançar mais liberdade individual e principalmente autonomia e independência, deixando de ser escravo do destino, pois este estará nas suas mãos. Thomas Morus desenha o protótipo de uma sociedade ideal, Jörg Wickram delinea um projecto social real e exequível para os seus compatriotas burgueses, em que cada indivíduo tem um papel decisivo na constituição da comunidade.

Neste sentido, são as convenientes e congruentes considerações tecidas sobre o *homo economicus* e a sua *ars morales* que dão um valor incontornável a esta obra. Assente numa estrutura familiar harmoniosa construída em prol da dignidade humana, a obra visa dar oportunidade ao leitor de, ao longo das suas páginas, e de três gerações, reconhecer o valor atribuído à educação como motor central da maturidade humana. Tanto no crescimento profissional como humano, a educação é um impulsionador fundamental, pelo que, por exemplo, no caso do filho da terceira geração terá de voltar a Antuérpia para fazer um estágio com um negociante e ourives conhecido, a fim de poder exercer magistralmente a sua profissão. Como homens do mundo têm de agir como tal, investindo na sua formação e no seu *status*. Com base num implacável plano educacional, onde não se deverá descurar, significativamente, a aprendizagem das línguas, como parte integrante de um olhar cosmopolita, a flexibilidade e mobilidade, impulsor do seu dia-a-dia, constituem decisivos pilares orientadores da mundividência burguesa.

O seu discurso denuncia as temáticas do seu tempo e, por isso, não é atributo único desta obra. Muitas das suas deambulações sobre o papel do mercador assemelham-se às proferidas, por exemplo, por um autor português, também identificado por alguns como ourives de profissão: Gil Vicente. Em muitas das suas obras, o tema da sociedade mercantil e de grande mobilidade social está presente, ecoando muitas vezes uma forte crítica às alterações que esta introduz, mormente os seus agentes⁴⁰.

⁴⁰ Maria Leonor Garcia da CRUZ, *Gil Vicente e a sociedade portuguesa de Quinhentos*, Lisboa, Gradiva, 1990.

Nos seus escritos, especialmente nos seus autos, denotam-se claros paralelismos com Jörg Wickram – se bem que sejam diferentes as respostas dadas pelos dois autores. Vejamos um pequeno extracto do *Auto da Lusitânia*, escrito em 1531:

“Entra Todo o Mundo, rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que perdeu; e logo após, um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém e diz:

Ninguém: *Que andas tu aí buscando?*

Todo o Mundo: *Mil cousas ando a buscar:
delas não posso achar,
porém ando porfiando
por quão bom é porfiar.*

Ninguém: *Como hás nome, cavaleiro?*

Todo o Mundo: *Eu hei nome Todo o Mundo
e meu tempo todo inteiro
sempre é buscar dinheiro
e sempre nisto me fundo.*

Ninguém: *Eu hei nome Ninguém,
e busco a consciência.*

Belzebu: *Esta é boa experiência:
Dinato, escreve isto bem.*

Dinato: *Que escreverei, companheiro?*

Belzebu: *Que Ninguém busca consciência.
e Todo o Mundo dinheiro.*⁴¹

Este diálogo entre *Todo o Mundo* e *Ninguém* espelha a dicotomia entre *buscar dinheiro* e *buscar consciência*. *Todo o Mundo* é um rico mercador que constantemente procura obter mais dinheiro, mais honra e lisonja, ao mesmo tempo que, marcadamente mentiroso e bajulador, pretende ganhar o Paraíso sem dificuldade. Por sua vez, a outra figura, denominada significativamente, *Ninguém* simboliza a consciência cristã, que todos parecem colocar em segundo plano, após os interesses materiais, agudizando com a sua presença a condenação de todo o Mundo.

⁴¹ Gil VICENTE, *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente*, Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), Lisboa, INCM, 1984, pp. 547-582, aqui, 572-73.

A obsessão pelo ganho material em lugar de riqueza espiritual para subir na hierarquia social é um tema central da obra vicentina⁴². Segundo este autor, como sabemos, a febre de ascender social e economicamente, muitas vezes motivada pela participação na expansão⁴³, é acompanhada de um agravamento acentuado dos sintomas de degradação moral e de costumes que contraria e transgride a doutrina religiosa e toda a ordem de valores vigentes.

Tida como reflexo da mudança dos tempos e da passagem da Idade Média para o Renascimento, a obra vicentina faz o balanço de uma época onde as hierarquias e a ordem social eram regidas por regras inflexíveis, para uma nova sociedade onde se começa a subverter a ordem instituída, e a questioná-la, surgindo novas personagens como os mercadores. Para Gil Vicente, os mercadores têm maioritariamente um papel negativo, mas para o nosso autor, Wickram podem assumir um papel importante, caso estejam devidamente preparados e conscientes da sua missão e dever de parte de uma sociedade cristã. Confiante nos homens, à semelhança de Pico della Mirândola, capazes de, se assim o ansiarem, poderem chegar ao alto, e de bestas chegarem a anjos, e de, com o seu trabalho e mérito, construírem a sua própria existência, Jörg Wickram vê, com base na sua própria experiência, e de muitos outros burgueses, razões de esperança e ensinamento para um futuro conciliador.

É a chamada hora do “tempo da igreja e tempo do mercador”, como o formulou Jacques Le Goff⁴⁴, que se expressa nestes dois autores, mas também visível em uma das primeiras cenas do quotidiano da história da arte, ou seja, *O cambista e a sua mulher* (1514), da autoria do pintor flamengo, Quentin Massys. Neste quadro⁴⁵, onde poder-se-á ver um cambista na sua loja, ou oficina, a pesar moedas, e a seu lado, a esposa que aparenta estar mais interessada nas moedas do que no livro de oração que, entre as suas mãos, está a folhear (**fig. 2**). Este seu olhar dirigido para a riqueza, que parece destronar o dom da meditação e da oração, parece querer representar subtilmente o conflito gerado entre usura e a prece.

Também os dois objectos que o casal segura se opõem: de um lado a balança consubstancia o mundo material, o do dinheiro e da avareza e, do outro, o livro de horas invoca o mundo espiritual e cristão. A mulher afasta, contudo, o olhar do livro sagrado, e deixa-se cativar pela balança, atraída pelo ouro, como o seu

⁴² CRUZ (1990).

⁴³ Veja-se, entre outros, Maria Leonor Garcia da CRUZ, *Os fumos da Índia: uma leitura crítica da expansão portuguesa: com uma antologia de textos dos séculos XVI-XIX e uma cronologia da expansão portuguesa e do império ultramarino (c. 1336-1899)*, Lisboa, Cosmos, 1998.

⁴⁴ Jacques LE GOFF, “Na Idade Média: Tempo da Igreja, Tempo do Mercador”, in *Para um novo conceito de Idade Média*, Lisboa, Estampa, 1980, pp. 43-60.

⁴⁵ Veja-se, reprodução do original que se encontra no Museu do Louvre, em Paris, em: www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/moneylender-and-his-wife

marido, totalmente focado na sua pesagem (fig. 2). As riquezas materiais desviam o sentido do mundo espiritual, e a balança toma um valor alegórico, encarnando a pesagem das almas, antes do aceso ao Paraíso⁴⁶.



Fig. 2 – Reprodução em gravura da obra de Quentin Massys, *O cambista e sua mulher*, 1514, publicada em John Henry MIDDLETON, *Illuminated manuscripts in classical and medieval times: their art and their technique*, Cambridge, Cambridge University Press, 1892, p. 219, disponível em: <https://archive.org/details/illuminatedmanu00midd/page/219>

As práticas e formas de mercantilização, os seus agentes e procura identitária de um novo grupo social, os mercadores, revelou-se um importante tema, apesar das diferentes abordagens, como o demonstra a comparação entre as obras de Jörg Wickram e Gil Vicente.

Sintomático e decisivo é ainda que o autor *Da boa e má vizinhança* tenha escolhido a capital portuguesa como cenário da sua obra, do seu romance. Lisboa, pensamos poder afirmar, é considerada como um símbolo desta paradoxal transformação económico-social, símbolo da difusão e prática do comércio e da mercantilização da vida social, símbolo dos novos e conturbados tempos: para uns, atributo de viciações e distorções, para outros, atributo de necessária e imparável actualização e desenvolvimento.

⁴⁶ Este não será o único quadro de Quentin Massys, o fundador da escola de pintura de Antuérpia, a tratar este tema, visto que, seis anos mais tarde, voltará ao tópico com a pintura de personagens grotescas intitulada *Os Usurários* (1520). Também Marinus van Reymerswaele, pintor neerlandês, irá pintar trabalhos dedicados à rubrica da colheita de impostos, como o demonstra o seu quadro de 1540.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. A. Marques de, *Capitais e capitalistas no comercio da especiaria: o eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549): aproximação a um estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- BRAUN, Georg e HOGENBERG, Franz, *Civitates Orbis Terrarum*, Agrippinae/Köln, 1616.
- CAMOES, Luís de, *Os Lusíadas*: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=182> (consultado última vez a 18 de Julho de 2018)
- CAMOES, Luís de, *Obras de Luiz De Camoes*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864.
- CRUZ, Maria Leonor Garcia da, *Gil Vicente e a sociedade portuguesa de Quinhentos*, Lisboa, Gradiva, 1990.
- CRUZ, Maria Leonor Garcia da, *Os fumos da India: uma leitura crítica da expansão portuguesa: com uma antologia de textos dos seculos XVI-XIX e uma cronologia da expansão portuguesa e do império ultramarino (c. 1336-1899)*, Lisboa, Cosmos, 1998.
- DAVIES, Sureka, *Renaissance Ethnography and the Invention of the Human: New Worlds, Maps and Monsters*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016.
- DÜRER, Albrecht, “Tagebuch der Reise in die Niederlande”, in *Schriften und Briefe*, Leipzig, Philipp Reclam, 1982, pp. 55-99.
- FERNANDES, Valentim, *Marco Paulo. O livro de Marco Paulo conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922.
- FEYERABEND, Sigmund, *General Chronicen, das ist: Warhaffte eigentliche und kurtze Beschreibung, vieler namhaffter, und zum Theil biss daher unbekannter Landschafften ... Darinnen alle Völker und Nationen, die in der gantzen Welt ... wohnen, sampt ihrer Ankunfft und Herkommen, auch Art und Natur, item*

Ceremonien und Gebräuchen in geistlichen und weltlichen Sachen, treuwlich beschrieben ... Ietzt auffs neuw mit sonderm grossen Fleiss, besser als zuvor, beschrieben und verteutschet, Getruckt zu Franckfurt am Mayn, Durch Iohannem Schmidt, in verlegung Sigmund Feyerabends, durch Paulum Reffelern, 1576.

FINK, August, *Die Schwarzschen Trachtenbücher*, Berlin, Deutscher Verein für Kunstwissenschaft, 1963.

FRIES, Lorenz, *Aslegung der Mercarthen oder Cartha Marina: darin man sehen mag, wo einer in der Welt sey ... das alles in dem Büchlin zu finden*, Straßburg, Johannes Grienninger, 1527.

Geschichte kurtzlich durch die von Portugalien jn India Morenland vnd andern erdtrich..., Nürnberg, 1507.

GRYNAEUS, Simon e MUNSTER, Sebastian, *Novvs Orbis Regionvm Ac Insularvm Veteribvs Incognitarvm, unà cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti patebit pagina*, Basileae, Hervagius Typus Cosmographicus Universalis, 1532.

GÓIS, Damião de, *Descrição da cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.

HÄBERLEIN, Mark, *Die Fugger. Geschichte einer Augsburger Familie (1367-1650)*, Stuttgart, Kohlhammer, 2006.

HÄBERLEIN, Mark, “Asiatische Gewürze auf europäischen Märkten: Das Beispiel der Augsburger Welser-Gesellschaft von 1498 bis 1580”, *Jahrbuch für Europäische Überseegegeschichte*, 14 (2014), pp. 41-62.

HÄBERLEIN, Mark, *Aufbruch ins globale Zeitalter. Die Handelswelt der Fugger und Welser*, Darmstadt, Konrad Theiss Verlag, 2016.

HÄBERLEIN, Mark e JEGGLE, Christof, *Praktiken des Handels Geschäfte und soziale Beziehungen europäischer Kaufleute in Mittelalter und früher Neuzeit*, Konstanz, UVK Verlagsgesellschaft, 2010.

JORDAN-GSCHWEND, Annemarie e LOWE, K. J. P., *A cidade global: Lisboa no Renascimento. The global city: Lisbon in the Renaissance*, Lisboa, MNAA/ INCM, 2017.

- KRAUS, Michael e OTTOMEYER, Hans, *Novos Mundos. Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, Dresden, Sandstein, 2008.
- LE GOOF, Jacques, “Na Idade Média: Tempo da Igreja, Tempo do Mercador”, in *Para um novo conceito de Idade Média*, Lisboa, Estampa, 1980, pp. 43-60.
- LOPES, Marília dos Santos, “Os Descobrimentos Portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, ICALP*, 1987, 7/8, pp. 28-40.
- LOPES, Marília dos Santos, “Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII”, *Mare Liberum*, 1, 1990, pp. 205-308.
- LOPES, Marília dos Santos, “‘Vimos oje cousas maravilhosas.’ Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses”, in *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*, Actas do IV Encontro Luso-Alemão, A. H. de Oliveira Marques (coord.), Alfred Opitz e Fernando Clara, Lisboa, Colibri, 1996, pp. 13-23.
- LOPES, Marília dos Santos, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, Para uma Iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.
- LOPES, Marília dos Santos, “O impacto da viagem de Vasco da Gama na Alemanha”, in José Manuel Garcia (coord.), *A Viagem de Vasco da Gama à Índia 1497-1499*, Lisboa, Academia da Marinha, 1999, pp. 604-608.
- LOPES, Marília dos Santos, *Da descoberta ao Saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, Passagem, 2002.
- LOPES, Marília dos Santos, *Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara*, Lisboa, Público, 2002.
- LOPES, Marília dos Santos, “Os Descobrimentos Portugueses e a Alemanha”, in *Portugal-Alemanha, Memórias e Imaginários*, Maria Manuela G. Delille (ed.), Coimbra, Minerva Coimbra, 2007, pp. 267-273.
- LOPES, Marília dos Santos, “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism”, in *Portuguese Humanism and the Republic*

of *Letters*, Maria Berbara and Karl A.E. Enenkel (ed.), Leiden, Brill, 2012, pp. 425-446.

LOPES, Marília dos Santos, “Translation and Imagination, ‘The Calicut People’ within the Context of 16th century cosmographies”, in *Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*, Newcastle, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 166-177.

LOPES, Marília dos Santos, “‘Fomos muito bem tratados’. Portugal e os Portugueses nos Escritos Alemães dos séculos XV e XVI”, in *Portugal e a Europa nos séculos XV e XVI. Olhares, relações, identidade(s)*, Lisboa, IEM – Instituto de Estudos Medievais / CHAM – Centro de Humanidades, 2019, pp. 211-227.

D. MANUEL I, *Ein abschriftt eines sandtbriefes so vnserm allerheyligisten vater dem Bapst Julio dem andern gestant ist von dem alledurchleuchtigsten Fursten vnd herren, herren Emanuel Kunig zu Porthogal &c. an dem zwelffen tag des Brachmonds, jm .M.cccc.viij. jare, von wunderbarlichen raysen vnd schieffarten, vnd eroberung landt, stet, vnd merckt, auch grosser manschlachtung der hayden.* Nürnberg, Georg Stucs, 1508.

MATHEW, K. S, *Indo-Portuguese Trade and the Fuggers of Germany (Sixteenth Century)*, New Delhi, Manohar, 1999.

MATOS, Luís, *Itinerarivm Portugallensivm*, Lisboa, FCG, 1992.

MONTEIRO, João Gouveia, “Orientações da Cultura da Corte na 1ª metade do século XV – a Literatura dos Príncipes de Avis”, *Vértice*, Nova Série, n.º 5 (Agosto de 1989), pp. 89-103.

MORUS, Thomas, *Utopia*. José V. de Pina Martins (Estudo introd.), Lisboa, FCG, 2006.

MÜNSTER, Sebastian, *Cosmographia, Beschreibung/ aller Lender durch/ Sebastianum Munsterum/ in welcher begriffen/ Aller völker/ Herrschafften/ Stetten/ vnd namhafftiger flecken/ herkommen:/ Sitten/ gebreüch/ ordnung/ glauben/ secten/ vnd hantierung/ durch die gantze welt/ vnd fürnemlich Teütscher nation, Was auch besonders in iedem landt gefunden/ vnnd darin beschehen sey, Alles mit figuren vnd schönen landt tafeln erklet/ vnd für augen gestellt*, Basel, 1544-1628.

Museum Plantin Moretus, Antwerpen, Snoeck Publishers, 2016.

MÜNZER, Jerónimo, *Itinerário*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.

PAULO, Marco, *O Livro de Marco Paulo, O Livro de Nicolao Veneto, Carta de Jeronimo de Santo Estevam, conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

PEDREIRA, Jorge, “Mercadores e formas de mercantilização”, in Diogo Ramada Curto (org.), *O tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, Difel, 1998, pp. 157-177.

PEREIRA, Paulo, “Lissabon im 16. und 17. Jahrhundert”, in Michael Kraus e Hans Ottomeyer (ed.), *Novos Mundos.Neue Welten. Portugal und das Zeitalter der Entdeckungen*, Dresden, Sandstein, 2008, pp. 221-239.

PIRES, Tomé, *Suma Oriental*, Rui Loureiro (ed.), Lisboa, CCCM, 2017.

POHLE, Jürgen, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. Und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000.

REICHERT, Folker, *Reisen im Orient*, Sigmaringen, Thorbecke, 2002.

RESENDE, Garcia de, *Crónica de Dom João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973.

RUBLACK, Ulinka, *Dressing up: cultural identity in Renaissance Europe*, Oxford, Oxford Univ. Press., 2010.

RUHAMER, Jobst, *Neue unbekante Landte und ein neue weldte in kurz vergangner zeythe erfunden*, Nürnberg, 1508.

SCHULTZ, Marianne, *Ökonomie, Geld und Besitz in den Werken Wickrams*, Diss Univ. Saarland, 2008.

<https://publikationen.sulb.uni-saarland.de/bitstream/20.500.11880/23577/1/Wickram20081031.pdf> (consultada última vez a 18.7. 2018).

SCHWARZ, Matthäus, *The first book of fashion. Tthe book of clothes of Matthäus and Veit Konrad Schwarz of Augsburg*, Ulinka Rublack (ed.), Maria Hayward, Jenny Tiramani, London, New York, Bloomsbury Academic, 2015.

SCHEDDEL, Hartmann, *Liber Chronicarum*, Nürnberg, Koberger, 1493.

SILVA, José Gentil da, “O eixo económico Lisboa-Antuérpia”, in *Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1992, pp. 31-36.

VICENTE, Gil, *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), Lisboa, INCM, 1984.

WALDSEEMÜLLER, Martin, *Carta Marina Navigatoria Portugallen...*, Saint-Dié, 1516.

VARTHEMA, Lodovico de, *Die ritterliche vnnd lobwürdige Reyss, des ... Ritter, vnnd Landtfahrer, Herrn Ludovico Vartomans von Bolonia, sagend von den Landen Egypto, Syria, von beiden Arabia, Persia, India, vnd Ethiopia*. Franckfurt am Mayn], Michael Herr und Jörg Breu (ed.), 1548.

VESPUCCI, Amerigo, *Von der neü gefunden Region, so wol ein welt genempt mag werden durch den Christenlichen Künig, von Portigal, wunderbarlich erfunden*. Basel, Michale Furter, 1505.

WARNCKE, Carsten-Peter, *Sprechende Bilder, sichtbare Worte: das Bildverständnis in der frühen Neuzeit*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1987.

WICKRAM, Jörg, *Von Guten vnd Bösen Nachbaurn ... newlig an tag geben*, Strassburg, Knoblauchs Druckerey, 1556.

WICKRAM, Jörg, *Von guten und bösen Nachbarn*, Karl-Maria Guth (ed.), Berlin, Contumax Hofenberg, 2014.

WUTTKE, Dieter, *German humanist perspectives on the history of discovery, 1493-1534*, Marília dos Santos Lopes (Foreword), Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, 2007.

Partindo da análise de fontes tipologicamente muito diferentes (cronísticas, documentais, epistolares, iconográficas, entre outras), quer portuguesas quer estrangeiras, é objectivo desta antologia reflectir de forma crítica sobre a composição e descrição de paisagens europeias – físicas e humanas – nos séculos XV e XVI. Naturalmente, uma atenção especial é dada à relação entre Portugal e o continente de que faz parte: se por um lado se visa indagar sobre a forma como em Portugal, no período em questão, se projectava o espaço europeu, por outro ambiciona-se identificar a natureza das representações construídas entre Portugal e a Europa. Noutra vertente, buscam-se respostas válidas para questões centrais como o carácter e a constância das relações mantidas com os diversos territórios europeus.

Se bem que, nos últimos anos, se tenha vindo a aprofundar, sob o ponto de vista documental e historiográfico, o conhecimento das relações entre Portugal e a restante Europa, a verdade é que muito há ainda a fazer no sentido de compreender o carácter e a configuração das concepções e representações portuguesas do continente europeu nos séculos de Quatrocentos e Quinhentos, assim como de identificar e apreender os mecanismos de reconhecimento das realidades do Velho Continente nos círculos cultos do reino português.

Estes são os objectivos centrais de um conjunto multidisciplinar de estudos, que se propõem aprofundar os diversos intercâmbios desenvolvidos entre Portugal e os diferentes espaços europeus nos séculos XV e XVI. A circulação cultural, os contactos político-diplomáticos, militares e estratégicos, bem como as relações de índole religiosa, comercial e mercantil estarão no centro de uma reflexão que se deseja crítica e ampla.

Apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

